

Destaque desta edição

Segmento do Artigo: Direito ou Renúncia à Sexualidade? Uma Experiência de Orientação Sexual com Jovens Limitrofos

Maria Helena Brandão Vilela Gherpelli (1)

COMENTÁRIOS

Este trabalho é o relato de uma experiência em orientação sexual (OS) com jovens limitrofos, desenvolvido no Instituto Cisne. Nosso objetivo é descrever a forma como a experiência foi realizada e destacar as questões que emergem desse tipo de trabalho. As contradições que são explicitadas colocam o profissional diante de uma realidade que passa a exigir dele uma postura definida e clara.

A OS é um processo educativo desenvolvido a partir de um planejamento baseado nas necessidades e realidades dos alunos (2), não se tratando apenas de incluir no currículo escolar uma série de noções sobre a mecânica do sexo. Estas são importantes, mas não bastam! A OS é um trabalho intencional, sistemático, de esclarecimentos e informações através de dinâmicas que promovam a reflexão (4, 11, 14).

Esse processo educativo, geralmente chamado de "Educação Sexual", não deve ser confundido com o real sentido da mesma. Esta tem um caráter formativo que elabora na personalidade infantil atitudes relativas ao sexo, desde o nascimento e durante toda a vida (11). Desde muito cedo, os pais se encarregam da responsabilidade de educar seus filhos de maneira informal, passando-lhes seus valores culturais, sociais e religiosos, no dia a dia, através do trato com a criança. As relações sociais reforçam ou introjetam valores e crenças, através das intensas trocas de informações e de normas de conduta (13). A OS é uma intervenção de caráter preventivo nesse processo, e tem como objetivo ajudar o indivíduo e incorporar, significativamente, a sexualidade em sua vida presente e futura, proporcionando-lhe um conjunto de informações integradas e clareando valores e atitudes que poderão instrumentá-lo para ajustar e determinar escolhas com relação a sua sexualidade (3,8,11). Diante de tal conceituação, surge o primeiro questionamento: como desenvolver esse trabalho com alunos limitrofos? Segundo o Instituto Cisne (6), eles "são pessoas com dificuldades de equilíbrio, movimento, articulação de palavras a leitura, devido à falta de concentração e raciocínio lógico dedutivo, o que os impossibilita de acompanhar o ritmo normal de sua faixa etária". Essa definição se confunde com a da "deficiência mental", e na verdade não há um consenso sobre o diagnóstico adequado para essas crianças. Alguns autores enquadram essas crianças na chamada "disfunção cerebral mínima". E então nos perguntamos: por que oferecer orientação sexual a esses jovens?

A aparente manifestação espontânea desse grupo causa desconforto à sociedade e, mais especificamente, às instituições que convivem intensamente com o grupo, tais como a escola e a família, por se sentirem impotentes no controle dessas manifestações. A sociedade, mantendo o mito de que sexo e sexualidade são atributos de pessoas adultas e saudáveis, põe o deficiente mental e o limitrofo na categoria dos que não têm a maturidade necessária para assumir socialmente a condição de ser sexuado (10).

Porém, segundo MOREIRA (10), "o deficiente atua a percebe sua sexualidade, dentro da etapa de maturidade psicosexual correspondente à sua idade mental".

Esse fato nos leva a questionar o fundamental. Como realmente se processa a sexualidade no limitrofo? Qual o papel do orientador sexual numa instituição dessa natureza? Concordamos com Johnson & Shore (7) quando afirmam que o profissional da área de sexualidade deve compreendê-la não apenas em termos da dinâmica individual mas como um fenômeno social que afeta e é afetado pelas atitudes e ações das pessoas.

(1) Enfermeira Obstetra e de Saúde Pública, Estagiária de Pesquisa no Departamento Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, SP. Orientadora Sexual no Instituto Cisne de Pesquisa e Orientação de Crianças e Jovens Diferenciados.

Recebido em 12.11.91 Aprovado em 27.11.9

Veja o que mais você pode encontrar nesta edição

Sumário

Editorial

Opinião

1
Doenças Sexualmente Transmissíveis e Sexualidade

Nelson Vitiello

2
O Ginecologista e a Paciente Sexualmente Disfuncional

Mariluzza Terra Silveira

3
Direito ou Renúncia à Sexualidade? Uma Experiência de Orientação Sexual com Jovens Limítrofes

Maria Helena Brandão Vilela Gherpelli

4
Educação Sexual - Prós e Contras

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes

5
Curitiba, Comunidade e Meninos(as) de Rua. Uma Proposta de Educação Sexual

Maria Eliane Lutfi

Revisão

1

Asfixia Sexual: O Auto-Erotismo Fatal

Oswaldo Martins Rodrigues Jr.

2

A Abordagem Psicodinâmica no Tratamento da Sexualidade

Sidnei Roberto Di Sessa; Oswaldo Martins Rodrigues Jr.

Pesquisa

1

Una Experiencia de Educación Sexual en la Escuela Permanente de Adultos

C. Pastor; M. Pérez Conchillo; J. J. Borrás; M. Moro

2

Un Estudio Sobre Conocimientos y Actitudes Hacia la Sexualidad en la Vejez

M. Moro; J. J. Borrás-Valls; M. Pérez-Conchillo

3

Disfunção Erétil Secundária: Aceitação de Tratamento e a Determinação de Etiologia pelo Paciente

Oswaldo Martins Rodrigues Jr.; Madalena Sartori; Moacir Costa

Resumo Comentado

1

Drugs Causing Sexual Dysfunction and Their Alternatives: A Reference Tool

Resumo e comentários de Gerson Pereira Lopes